

Psicanálise e psicoterapia. O desejo do analista?

JOAN SALINAS-ROSÉS

Seja em uma análise ou em uma psicoterapia, existe o que denominamos “direção do tratamento”. Que ela seja distinta em um ou outro tipo de *práxis*, parece-me evidente. Como também é evidente que o suporte de ambas encontra-se na *Übertragung* freudiana, que se traduz por transferência. Ainda me parece óbvio que, dependendo do manejo e uso que se faça da transferência, encontremos não somente a dualidade psicanálise/psicoterapia mas, dentro do campo próprio de cada uma, um leque amplo de como considerar e fazer “com” a transferência.

Deliberadamente não vou entrar no campo diferencial entre as distinções psicanálise/psicoterapia; porém considero, que dependendo da direção do tratamento e da posição ocupada pelo analista - sublinho analista - fica clara boa parte da questão ora aberta ao debate. Assim, pretendo deixar claro o seguinte ponto de partida: se tomo o analista como referência, e sua *práxis* como os efeitos de sua formação e orientação, podem dar-se uma *práxis* e feitos analíticos à margem daquilo que espera o sujeito que os recebe, ou mesmo do social. Em outros termos, se o analista ocupa seu lugar e atua a partir dele, o resultado é um efeito analítico. Atuar como analista é privilegiar o inconsciente discurso do Outro.

Sabe-se que esse campo da análise ao qual nos referimos hoje, diversos autores o teorizam distintamente, e inclusive encontramos nas obras, tanto de Freud, como de Lacan, concepções variadas e, às vezes, dessimétricas. Tal situação obriga o leitor, e muito mais o praticante, a tentar encontrar uma resolução interna no texto, ou ao menos, a encontrar suas próprias respostas.

A referência ao mítico Jano, o deus de duas caras, parece-me útil para ilustrar não só a dualidade análise/psicoterapia, mas também para aplicá-la às pressuposições internas de um mesmo autor. Requerem-se esclarecimentos e eles devem passar por uma

certa “interpretação” do que o autor quis dizer.

Para entrar no tema de hoje e em meu título, podemos caracterizar a própria transferência como tendo ao menos duas caras: uma formada pela dimensão amor/ideal/sugestão, outra formada pela pulsão e a sexualidade como realidade do inconsciente. Aplicando-se ao título, as caras se redobram: as duas caras da transferência se aplicam a Jano, com suas duras caras, por sua vez....

À propósito da transferência, Freud nos dá excelentes exemplos. Pegu um: considera a transferência como a condição necessária para toda cura e, ao mesmo tempo, como “a arma mais forte a serviço da resistência”.

Em que Freud sustenta sua segunda afirmação? Em uma de suas teses *princeps*: a transferência é amor, “autêntico amor” nos dirá, para deduzir que, sendo assim, todo amor tem uma dupla face. Por uma parte, uma dimensão erótica e, por outra, a dimensão narcísica e de idealização do objeto amado, tendendo então à sua idealização e identificação. A exaltação do objeto amado, o analista, no caso – *Freud dixit* – leva a uma demanda de correspondência e a um desinteresse pela análise, e à espera de obter a satisfação da solicitação amorosa.

Além, claro, da recomendação ao analista de que, sabendo tudo isso e levando-o em conta em sua prática, não ceda às demandas, etc... não encontrei em Freud respostas mais explicativas sobre a ação necessária do analista frente a isso.

Posso complicar um pouco mais. Isto é Freud quem o complica quando escreve a respeito: “confessamos prontamente que os resultados da psicanálise baseiam-se na sugestão (se a entendemos como) influência de um ser humano por meio dos fenômenos transferenciais possíveis com ela”.¹ E, para acrescentar, uma afirmação com a qual todos estaremos de acordo: se algo não deve ser o resultado e os efeitos de uma análise é cair na sugestão efetuada pelo analista, posto que seria cair em uma imitação daquilo com o qual Freud começou. Ou melhor, a hipnose, que ele imediatamente abandonou para inventar a psicanálise.

A problemática freudiana, assim colocada, levou alguns pós-freudianos a diversas direções do tratamento: desde cair na sugestão e, inclusive, pontencializá-la, até teorizar a identificação

¹ Freud. La dinámica de la transferencia (1912/1993, p. 103).

com o analista-persona, ou com o Eu, ou com o supereu, como um final de análise. Isto já é sabido, bem como os resultados que teve.

Quando Lacan passa a ocupar-se do problema, ele o faz escalonadamente e de diferentes modos, criticando o núcleo principal. Assim, à propósito das chamadas resistências, encontramos em seu ensino diversas teorizações.

Direi algumas delas. O que Lacan chama resistência? Respondo textualmente: é tudo aquilo que se opõe ao trabalho analítico. E terminará essa asserção afirmando que temos de situar as resistências do lado do analista. Portanto, é o analista que resiste, não o analisante. E por quê? Para responder, Lacan usa o recurso do “poder descricional do ouvinte” – o analista, neste caso.

Em seus dois primeiros seminários² refere-se à resistência. Se precisa colocá-la em alguma parte – e precisa – há de ser no nível do discurso. Para tanto, é o analista que prioriza, em sua escuta/discriminação, o enunciado do analisante. Nesse discurso, o analista é o único que pode colocar uma possível resistência no analisante, por ser ele, o analista, que não pôde escutar além do enunciado, e, por ter priorizado tais ou quais significações, pode depois cair nelas. É só tomando isso como base que o analista pode pronunciar ou pensar um “Você resiste”, referindo-se ao analisante, seja porque, como digo, não pode ouvir além, seja por um caso pior, que considere uma “resistência” o fato de o analisante não aceitar uma interpretação condensada e plena de sentido. Tanto em um caso como em outro, o “poder descricional do ouvinte-analista”, ou seja, o poder de se deixar levar pela determinação que os significantes privilegiam, está obturado neles. Podemos chamar intervenções efetuadas a partir do eu do analista, exercícios de sua consciência, ditames à base de seus preconceitos. Ou para resumir: colocação em ato de seu narcisismo.

Ao, afirmar literalmente que segue Freud, Lacan alega reiteradamente que “o inconsciente não resiste”. E isso é idêntico à afirmação freudiana de que o inconsciente não aspira senão a chegar à consciência.³ Podemos entender tal afirmação lacaniana quando, em paralelo a Freud, observamos que ele coloca a resistência como um efeito produzido pelo Eu. Quando Lacan fala

² Lacan, “El Seminario, libro 1: Los escritos técnicos de Freud”. E também “El Seminario, libro 2: El yo en la teoría de Freud y en la técnica del psicoanálisis”. Não me parece nada casual que Lacan tenha começado seu ensino referindo-se a pontos delicados da prática analítica. É surpreendente ver, ainda hoje cinquenta anos depois, que o escrito como denúncia da prática então imperante, continua sendo atual em determinadas escolas.

³ Freud, *El Yo y el Ello* (1923/1993).

da resistência do lado do analista, coloca-a igualmente do lado das intervenções de seu próprio Eu, o que o impede de estar no nível da enunciação discursiva do analisante. Como já mencionei: Lacan situa a resistência no nível do discurso.

Se chegamos até aqui, o problema poderia parecer resolvido, mas que dizer da tese de Lacan da transferência como “presentificação do fechamento do inconsciente”?

Com esta citação de “O Seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise”, inicio meu traçado conclusivo, apoiando-me, também, em outras citações: “A transferência é o que manifesta na experiência a colocação em ato da realidade do inconsciente, na medida em que ela é sexualidade⁴. Ou seja, estabelece o vínculo entre a transferência sexual e um inconsciente também sexual. Citado assim, temos um tripé lacaniano de difícil equilíbrio: uma transferência sendo a colocação em ato do sexual; um inconsciente também sexual; e, ao mesmo tempo, uma transferência que fecha o inconsciente.

Precisamos colocar em equilíbrio o tripé para chegar ao que Lacan chama “o final da experiência analítica”, definida nessa segunda citação: “levar a experiência do sujeito ao plano no qual pode presentificar-se, da realidade do inconsciente, a pulsão”⁵.

Diante desse tripé, Lacan usa três utensílios. O primeiro é a metáfora do que ele chama “a bela”, em referência a uma mulher bela, que representaria o inconsciente e estaria encerrada em uma casa. O segundo refere-se a um objeto de pesca, a nassa, como contendo também em seu interior o inconsciente. E o terceiro, como recurso da topologia, é chamado de “oito interior”.

A respeito da transferência como presentificação do fechamento do inconsciente, Lacan é explícito. Refere-se muito claramente ao Eu do sujeito que, interessado na transferência, trata de efetuar esse fechamento. Remete, como Freud, à dimensão do amor e suas demandas. A transferência seria assim uma via precária para um suposto acesso ao inconsciente.

A transferência é “essencialmente resistente”⁶, pois é *Übertragungswiderstand*⁷, resistência de transferência, em Freud. Por meio dela interrompe-se a comunicação com o inconsciente, porque ele se fecha novamente. É o contrário de uma transmissão-“transferência de poderes” do inconsciente. É mais sua

4 Lacan. El Seminario, libro 11: Los quatros conceptos fundamentales Del psicoanálisis”. (1964/1987, p. 181).

5 Ibid, p. 136.

6 Ibid, p. 136.

7 Ibid, p. 136.

dificuldade, quando não seu fechamento.

Equiparando o inconsciente à “bela” dentro de uma casa, Lacan nos diz algo como: “é a bela a que há de dirigir-se”⁸. A metáfora continua com o sentido de que, quando nos aproximamos da bela/inconsciente, mais a bela-transferência fecha portas, janelas e postigos, pois ela que não pede outra coisa: que sejam abertos.

⁸ *Ibid*, p. 137.

Recorre então Lacan a suas definições do inconsciente como discurso do Outro, à interpretação e ao manejo do objeto. Como aceder à bela? Responde: “O discurso do Outro que se trata de realizar, o do inconsciente, ele não está do lado de lá do fechamento (não está dentro da casa), está do lado de fora. É ele que, pela boca do analista, apela à reabertura dos postigos.”⁹

⁹ *Ibid*, p. 137.

Dá, portanto, todo o peso à interpretação, ao que “sai da boca do analista” e ao manejo do objeto. Justamente por isso a “colocação em ato da realidade do inconsciente” é o que mais se trata de evitar em uma análise, pois toma a transferência como objeto – a isso chama-se analisar a transferência.

Porém a que se refere Lacan quando usa a expressão de que “a transferência manifesta a colocação em ato da realidade do inconsciente”? Essa expressão, ele mesmo a qualifica de “palavra-promessa”, ou seja, de algo a esperar e a potencializar, além de permitir. Não se trata de algo que se produza por si, sozinho.

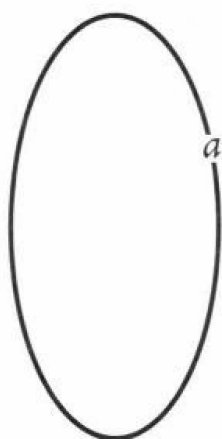
Bem ao contrário. Sem a ação do analista ocorre a permanência do fechamento, a manutenção da identificação. Considero, que na palavra-promessa, Lacan procura dar conta da necessidade não já de uma direção do tratamento, mas de uma forma muito particular de levá-la a cabo.

A respeito dessa “colocação em ato”, distingue entre a colocação em ato de “uma ilusão”, que faria empuxo à idealização identificatória, a uma normalização segundo *standards* e a “colocação em ato” da sexualidade.

A referência à nassa¹⁰ guarda analogias com a “bela” da casa. Em seu desejo do utensílio para pescar, refere-se ao inconsciente dentro dessa nasa. Não se trataria de entrar nela para tirá-lo, e sim simplesmente de permitir sua saída pela única abertura existente. Trata-se do que sai daí e não de entrar nela, do mesmo modo que não se trata de entrar na casa através

¹⁰ *Ibid*, p. 150.

de suas portas/janelas, senão de “chamar de dentro”.



Esquema da *nassa*

Vê-se neste esquema que um objeto, o objeto *a*, está justamente na abertura, tamponando sua saída, como um obturador. A metáfora de Lacan é ilustrativa. A ação do analista deve encaminhar-se para o deslocamento desse objeto para que, em uma “pulsção temporal” – referência ao ato – o objeto se desloque e algo do inconsciente possa sair. Há referência à voz e ao analista como semblante desse objeto e ao inconsciente como esse discurso do Outro. Se, com a *nassa*, trata-se de deslocar o objeto que obtura a saída, com a “bela” em casa, trata-se, Lacan nos diz, de chamar de dentro, via voz – um objeto *a* – ao discurso do Outro. É preciso fixar que aqui esse Outro e seu discurso, referido ao inconsciente, não concerne a dois sujeitos, só a um.

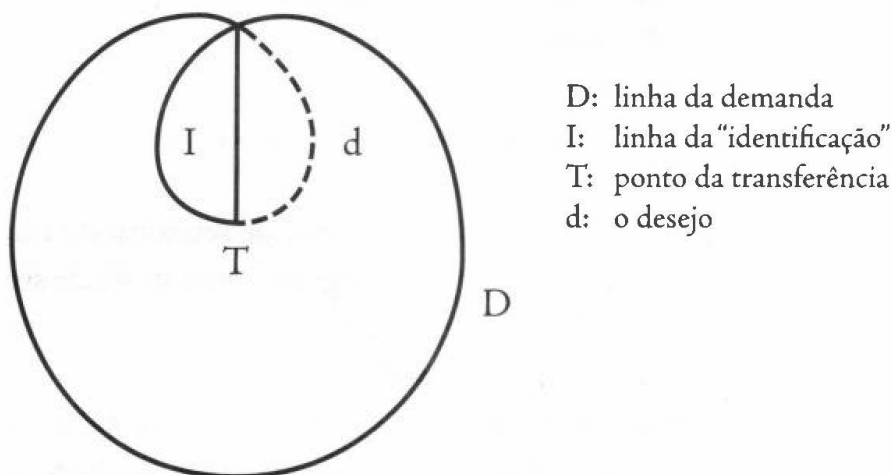
Voltando a essa “manifestação da realidade sexual do inconsciente”, a transferência, podemos vê-la e constatar que, além de sua dimensão amorosa e de engano, via fascinação, há uma presença pulsional escondida, porém presente sob o obstáculo da imagem. Se a imagem do objeto é o “*i(a)*”, o objeto desinvestido deste envoltório, cai como puro objeto *a*, objeto da pulsão/causa do desejo.

Lacan inquire, todavia, um pouco mais. Pergunta-se que quer dizer “o peso da realidade sexual se inscreverá na transferência”.¹¹ Posso responder: se a demanda transferencial está articulada em significantes, deixa um resto metonímico que “corre sob ela”. Um resto não indeterminado, trata-se da condição absoluta e inatingível, necessariamente em impasse e que por tudo é fecundo e se chama desejo.

É a partir do desenvolvimento topológico do *cross-cap*,

¹¹ *Ibid*, p. 161.

formalizado no chamado “oito interior” que se pode representar o desejo, entre a demanda e a realidade sexual.



Nessa topologia tudo depende da linha pontuada chamada “d” de desejo, e por ela se presentifica na experiência a incidência do sexual. Tal desejo, por sua função de permitir a saída do curto-circuito da demanda/transferência/identificação a que o analisante, por inércia, tende no tratamento, Lacan chamará desejo do analista. E a saída possível do analisante do curtocircuito, permitirá, por sua vez, abrir a dimensão de seu desejo, alheio às identificações idealizadas sob condições de amor. Se o analisante, recorrendo ao campo da demanda, chega até ao ponto “T” da transferência, de onde a identificação, “I”, volta a relançar a demanda, o curtocircuito pode se etenizar.

Ao falar de amor, Lacan nos indica que é um bom terreno para possíveis enganos. O perigo de um sujeito em análise conseguir enganar o Outro é correlativo à dimensão de engano que o amor tem para cada sujeito.

Nessa manobra do sujeito de “tratar de persuadir ao outro de que tem o que pode completar-nos, asseguramo-nos de poder seguir desconhecendo o que nos falta”.¹² É a manobra encontrada por nós em toda situação de amor, e o amor de transferência é um amor verdadeiro.

Em toda demanda de amor, o sujeito tenta atrair o Outro tratando de convencê-lo de que tem o que lhe falta, em uma reativação das primeiras experiências com seu Outro primordial. O objeto que foi para esse Outro, Outro incompleto, um objeto que procurava completá-lo. Assim, nas sucessivas demandas de amor,

¹² *Ibid.*, p. 139.

o sujeito “faz-se objeto”, tratando de fazer o Outro crer que ele, como objeto, pode dar o que lhe falta.

Este é o perigo que Lacan assinala: o de enganar o Outro na demanda transferencial de amor. Em correlato: se o sujeito na transferência se oferece como “objeto amável”, espera também, especularmente, que o Outro seja amável com ele: demanda de reciprocidade.

Se isso se leva a cabo, o sujeito a partir de seu ideal do Eu, se verá – visto pelo Outro – sob a forma grata como gosta de ser visto: a identificação é idealizada. É o curto-circuito definido por Lacan: uma análise baseada na identificação ao analista.

Por isso, vai se referir ao analista como o “separador”. Separador do ponto “I”, local da identificação idealizada, e do objeto *a*. Deste modo, ele separa o “*a*” e o coloca, manejando-o, na maior distância possível do “I”. O analista tem de declinar desta idealização para poder ser o suporte do “*a*” separador. Se podemos definir a hipnose como a coincidência em um ponto entre o “I” e o “*a*”, o analista se situa no oposto.

Assim, Lacan situa o analista não somente como Outro, mas como semblante de *a*. É um ponto necessário para que a pulsão, presente na transferência, possa encontrar seu caminho e trajeto.

Se antes me referia a uma análise como “levar a experiência do sujeito ao plano no qual pode presentificar-se, da realidade do inconsciente, a pulsão¹³, a demanda transferencial deixa um resto metonímico chamado desejo, expressão dessa pulsão. Concluirei com a frase de Lacan: “se a transferência é aquilo que da pulsão se separa da demanda, o desejo do analista é aquilo que volta a levar à pulsão”¹⁴

¹³ *Ibid*, p. 282.

¹⁴ *Ibid*, p. 281.

Tradução: Andréa Brunetto

referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1912) La dinámica de la transferencia. In: *Obras Completas*. Vol. XII. Madrid: Amorrortu, 1993.
- FREUD, Sigmund. (1923) "El Yo y el Ello". In: *Obras Completas*. Vol. XIX. Madrid: Amorrortu, 1993.
- LACAN, Jacques. (1953-54) *El Seminario, libro 1: Los escritos técnicos de Freud*. Barcelona: Paídos, 1981.
- LACAN, Jacques. (1954-55) *El Seminario, libro 2: El yo en la teoría de Freud y en la técnica del psicoanálisis*. Barcelona: Paídos, 1986.
- LACAN, Jacques. *O Seminario, libro 11, los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis* (1964). Barcelona: Paídos, 1973.

resumo

O artigo trata de diferenciar a direção do tratamento entre a psicanálise e a psicoterapia, a partir do desejo do analista, que coloca em ato a realidade do inconsciente. Tomando como eixo teórico o Seminário onze de Lacan, o autor coloca o desejo do analista como o “separador” da identificação idealizada que possibilita o surgimento do objeto *a*, objeto da pulsão

palavras-chaves

psicoterapia, psicanálise, desejo do analista, sugestão, transferência, idealização

abstract

The article differentiates the direction of the treatment in the psychoanalysis and the psychotherapy, starting from the analyst's desire, that puts in action the reality of the unconscious. Taking as theoretical axis the Seminar eleven of Lacan, the author places the analyst's desire as the “sifter” of the idealized identification that makes possible the appearance of the object *a*, the drive's object.

key words

psychotherapy, psychoanalysis, the analyst's desire, suggestion, transfer, idealization

recebido

20/03/2008

aprovado

08/04/2008